

O DIALOGISMO DE FRANCIS JACQUES

Vera VIDAL

UFRJ — Departamento de Filosofia Paris, 1989

Francis Jacques é Professor de Filosofia da Universidade de Paris III, Diretor do Centro de Pesquisa de Lógica e Filosofia da Linguagem e Consultor do CNRS (Centre National de Recherches Scientifiques).

Sua extensa produção filosófica compreende, além de inúmeros artigos publicados em diversas obras coletivas e nas mais importantes revistas filosóficas internacionais, uma trilogia composta por seus livros:

- Dialogiques. Recherches Logiques sur le Dialogue, PUF, 1979
- Différence et Subjectivité. Anthropologie d'un point de vue relationnel, Aubier-Montaigne, 1982
- L'Espace Logique de l'Interlocution, PUF, 1985

Prepara um livro sobre a transtextualidade ou uma teoria geral do texto.

Consideramos seu trabalho como um dos mais significativos no quadro da filosofia francesa contemporânea, devido à conciliação de seu aspecto extremamente original com uma vasta cultura filosófica, literária e de ciências humanas em geral.

Devido à sua formação matemática — inicialmente dedicou-se a estudos na área científica — aborda as questões através de uma rigorosa metodologia onde a Lógica Matemática e o método da Filosofia Analítica são associadas a um certo tipo de hermenêutica que visa atingir o significado dos textos e diálogos em função da ação interlocutiva.

Ler Francis Jacques é associar um ato de prazer, um estimulante exercício de reflexão, um aprimoramento cultural e resulta num excelente incentivo à criatividade filosófica.

O aspecto estético deriva da beleza de seu estilo como escritor e da construção arquitetônica de seu pensamento, onde os temas são apresentados e articulados de modo extremamente lógico, claro e sistemático.

O estímulo à reflexão deriva da novidade de sua proposta que obriga a repensar em bases totalmente novas — no que concerne à conceitualização e metodologia utilizadas — a ação interlocutiva.

O esquema por ele desenvolvido não é apenas um belo modelo de análise teórica, mas permite aplicações nos mais variados setores: em Teoria da aprendizagem, nas negociações, nas análises literárias e estéticas em geral. Várias são as teses de doutorado e trabalhos de pesquisa que utilizam os princípios de sua filosofia, especialmente na França e no Québec. No Chile, um grupo faz uma aplicação de suas conceitualizações a questões pedagógicas, o que motivará sua ida a este país em 1990, ocasião em que deverá passar pelas cidades de Rio de Janeiro e Campinas a fim de atender a convites para conferências em diversos departamentos de Filosofia como os da PUC de Campinas e do Rio, da UFRJ, UFF e UNICAMP.

O aprimoramento cultural que deriva da leitura de seus textos se deve ao fato da constante alusão à situação histórica da problemática que aborda. O Prof. Jacques sempre confronta suas propostas com as demais que já foram apresentadas, permitindo-nos uma excelente contextualização dos temas que aborda, o que facilita a avaliação da novidade de seu pensamento.

Como todo grande pensador, estimula a quem o lê ou escuta suas palestras, a reagir. Impossível não tomar posição pró ou contra o que sugere e, ainda mais: tal tomada de posição implicará em conseqüências pragmáticas para diversos campos da análise da comunicação.

Suas investigações centram-se em torno de questões de Filosofia da Linguagem, Epistemologia e Ética, mas o cerne de suas análises é a preocupação com a questão: “como é possível dizer coisas entre nós?” ou ainda “É possível conceber o diálogo como se fosse fundamentado num suposto código comum e sobre uma universalidade categorial?”

Recusando como insuficiente a proposta da semiótica clássica que esquematiza o processo de diálogo apelando aos elementos: emissor-canal-receptor, onde cada “partenaire” teria a palavra e a iniciativa semânticas, propõe um modelo de “produção conjunta de sentido”.

Interessa-se pelas “condições de possibilidade da comunicabilidade em geral”, preocupando-se com a “co-significância”, com o que há de “cooperação no discurso”.

A interação verbal é concebida como “um processo mútuo”, “aquilo que as pessoas fazem uma com a outra por intermédio da linguagem”.

A simples transferência de informação onde o emissor é considerado como o que comunica e o receptor como o que capta tal emissão é uma forma pobre de entrar em relação.

Na introdução de *L'Espace Logique...* afirma:

"A linguagem não é nem de vários, nem de um, nem de todos: ela é **entre**, como um traço comum, **um vinculum**".

O projeto de compreensão da instância fundadora do significar estende-se até a epistemologia, concernindo às questões do estatuto cognitivo do referente, da significação e da verdade nas Ciências.

Sua perspectiva ultrapassa o aspecto lógico-lingüístico do discurso em direção a um campo propriamente "transcendental". Busca formular radicalmente a questão da comunicabilidade dos discursos. Procura revelar na sua plenitude "a situação originária da significação que articula referência e interlocução".

Seu modelo de comunicação supõe uma dupla codificação parcial, uma interação comunicativa, uma atividade discursiva conjunta e a regra da possibilidade de inovação do sentido.

Frege procurou livrar-se do papel da interlocução na análise do enunciado. Procurará recompor o que Frege eliminou: interessa-se pelo que é **falar junto**. Visará reinscrever o esquema dos "jogos de linguagem" austrianos na situação global de comunicação.

Crê que a análise dos atos de fala se desenvolveu sem uma sólida teoria da interação verbal. A unidade mínima de comunicação lingüística é ou a frase (Benveniste) ou a sua produção (Searle).

Mas toda frase é co-produzida: não se pode fazer economia da dimensão transacional. Propõe que o diálogo seja repensado em função de um **a priori** formal da comunicação.